



Mortes même dans le souvenir, [2001] acrílico sobre tela, 97 x 126 cm (Nadir Afonso)

A SOLIDÃO

A solidão é como o frio do inverno

Entra e penetra até aos ossos.

É como aquela dor intensa

Insuportável e difícil de esquecer.

A solidão é aquela amiga incondicional

Que não julga e sabe calar

E diz mais do que mil palavras.

Só a solidão...

Pode expressar o que há dentro desse coração.

A solidão que te abraça quando ninguém está por perto

E te fala ao ouvido

Para te dizer que tudo está bem.

Vanessa Nieto Díaz



Sem título [1944] - óleo sobre tela de serapilheira. 64 x 74,5 cm (Nadir Afonso)

Naquela Noite

Naquela noite só se escutava

O silêncio frio da solidão

Afogado pelos risos monstruosos e os gemidos fingidos

Daquelas contendidas.

A voz fria do medo,

A cor vermelha da angústia,

As garras afiadas daqueles reis de gelo

Cortando as esperanças das escravas

Que já não eram donas,

nem do seu nome.

Naquela noite,

A única companhia delas,

Eram as gargalhadas sujas

As luzes de neón.

Nicol Chan Granado.



A Cidade Incerta, [2010], acrílico sobre tela, 174x247 cm (Nadir Afonso)

A CIDADE INCERTA

Passeio entre os edifícios,
pelas ruas cheias de gente,
tudo o que vejo são zumbidos,
barulho, ruído.

Passeio entre as pessoas,
pelas ruas cheias de arranha-céus,
tudo o que vejo é incerto,
estranho, forasteiro.

Quero viver no mar,
quero ar,
quero paz.

Iria Domínguez Márquez



Fúria [1990] - óleo sobre tela 79,5x90 cm (Nadir Afonso)

A fúria

Sacudiu as suas bochechas espantado
com a intensidade da fúria fria
que emanava do seu interior,
a andar às voltas como uma ave desorientada
que tinha perdido o seu caminho no bando.
Era uma sensação opaca e incompreensível,
mas intensa e viciante à qual ele se agarrava,
mas quis o último instante que algo mais forte estivesse a empurrá-lo,
como o Cíclope que ofuscava as próprias entranhas.
E depois, a solidão.

Joaquín García Domínguez



Apolo, [2007], acrílico sobre tela, 200 x 230cm, (Nadir Afonso)

Apolo: o protector no céu

Apolo com a sua flecha e arco,

É temido por muitos

Pois ele é o deus da morte, das pragas, e de tudo o que é agónico.

Ele observa desde os céus altos.

Mas ele não deve ser temido,

Temê-lo é como uma ofensa.

Apolo olha desde o grande abismo turquesa,

Pois ele é também o deus da cura e da proteção de todos os oprimidos.

Ele é o deus da beleza, da perfeição e da harmonia.

A adoração de Apolo não precisa de abadia.

Apolo olha do céu azul para baixo

Ele vê o mundo em que eu me encaixo.

Julia Ramos Nova



Aldeia e Monte [1938] - óleo sobre tela, 22 x 31,3 cm (Nadir Afonso)

Aldeia e Monte

Um despertar de paz,
tranquilidade trazida pelas cores suaves e relaxadas.
O relaxamento... essa sensação ao estar na aldeia.
A segurança... esse sentimento ao estar em casa.
As boas vibrações,
todas essas emoções que o azul do céu nos produz, quando o tempo está bom.
A calma, como a que está no monte,
e animação, por causa dos animais que ali vivem.
Os pássaros cantando, os grilos assobiando antes de dormir...
O incitar a uma respiração de ar puro, como a que nos dá as árvores.
O transmitir vida, a vida da aldeia e da gente que vive nela.
A alegria nos olhos dos avós,
e o cansaço que os seus rostos refletem após um duro dia de trabalho nos campos.
A inquietude dos cães enquanto correm atrás dos gatos que pousam na varanda.
A felicidade das crianças a brincar à bola,
as galinhas a subir no trator,
as ovelhas a comer erva nos campos...
Refeições feitas com verduras cultivadas em casa e ovos caseiros...
Tudo isso é o monte da aldeia, tudo isso e muito mais.
Um conceito muito natural, muito ecológico,
que mostra que as pequenas coisas, são as mais importantes.
E que nos lugares mais simples, temos tudo o que precisamos.



Gôndolas [2007] - acrílico sobre tela, 260 x 200 cm (Nadir Afonso)

Gôndolas

Primeira Parte

Um dia pela tarde na nossa varanda
tu miraste-me mas estavas cegada
pelo sol

Querias chorar de felicidade
por ver o mundo em paz
mas sabes que isso não há de durar muito mais

Eu respondi que sempre quis lá ir
sempre quis estar na calma
em vez de na tormenta
mas sei que não é possível agora

Continuaremos a tentar
mas o azar é mais rápido que nunca

Fátima Cristobo Batalla

Gôndolas

Segunda Parte

Pelas calmas águas
da cidade dos canais
é que velejam as gôndolas
cheias de namorados,
aos que os gondoleiros cantam.

Cantam canções apaixonadas, amorosas,
ao som do sino do campanário.

O contraste com o barulho
dos turistas que inundam
a cidade inundada.

É Veneza,
cidade do amor,
cidade da gente,
cidade naufragante.

Iria González Pereira



Bordel [1991-1998] - acrílico sobre tela, 95 x 134 cm (Nadir Afonso)

Bordel

Sozinhas,
sob a mirada compassiva da lua,
confrontavam tais perigos
que a carne nua deixavam.

O que é que elas fizeram?
Era o seu fado?
Se calhar por isso nasceram
para demonstrar que a justiça não é um facto.

Nunca viram o mundo assim,
o futuro e o passado confluíam-se na noite
E os sonhos ficavam sós ali,
mas esperando que por fim chegasse a morte.

Corpos de intangível beleza
ocultam almas apodrecidas
tingidas de preto
pela vida que nunca teriam.

Julieta Insagaray



Ribeira - óleo sobre tela, 38 x60,4 cm (Nadir Afonso)

Ribeira

Há no céu um ponto
Um ponto preto, pretinho
que percorre o horizonte
até que se converte num homem, numa ponte, numa rua, num silêncio
O pintor é dono desse ponto criador,
filho do pincel
chefe e autor desta vida súbtil

Outro ponto
agora imóvel
em frente ao quadro
em frente às letras
inspecciona
no teu rosto
agora
mira
.
Um ponto que mira outro ponto

Rodrigo Herrera Alfaya



Rio Cávado [1936-1938] - óleo sobre tela, 30 x 32 cm (Nadir Afonso)

Rio Cávado

“Eu sou de Zemanbiquo, sou uma filha do sol” - Fran Narf

Nos caminhos acompanham-me multidões.
Quem é que forma a companhia do Sol?
Estou eu
e a pele quentinha pela pintura amarela.
As montanhas desfazem-se no nosso ritmo
e os campos sonham-se florestas.
No reino do Sol não haverá domesticação.
Baixamos os rios verticais deixando que, fria,
a água nos beba dos olhos vazios
permitindo-nos assim, ver marés desconhecidas.
A cartografia foi substituída pelas mãos
assinalando, tocando-se, interpretando a dança aérea do amor.
A nós, perguntam-nos: para onde é que vão?
— Vamos para a ponte de todos os rios, aonde chegam todos os caminhos.
Se me perguntas tu eu converto-me em mãe
e o canto das minhas outras mães transpõe a minha voz:

-Dorme, meu amor,
eu cuidarei do sol.
Dorme, meu bem,
eu guardarei no nosso ventre
o calor.

Marinha Paradelo Veiga



Dusseldorf [2003] - acrílico sobre tela, 116x176 cm, (Nadir Afonso)

Düsseldorf

Um conjunto de formas
Düsseldorf
A lembrança de quando lá estive com a escola
Há muitos anos, o tempo passa...

E isso de ser jovem... às vezes acho
que a vida me escapa
por entre os dedos
Os mesmos que usava para escrever linhas sem sentido
Com a caneta azul.

Mas aqui essas linhas, sim, fazem sentido
Não por si só, mas no conjunto.
Tornam-se edifícios.

Esas linhas, juntamente com os rabiscos,
formam uma cidade
Estas linhas, juntamente com as cores,
cores vivas, cores brilhantes
formam um todo.

O azul predomina no céu e no mar,
de modo que algo que a princípio parecia desordenado,
Transmite paz.

Sara Agís Leiro



Arredores - óleo sobre tela, 31 x 37 cm, (Nadir Afonso)

Arredores

Ontem voltei a casa

Tudo estava igual

Desorganizei a cama

E comecei a recordar

Tudo atormentado

Virando como um tornado

Bato com a cabeça

Removo assim as minhas perdas

Tudo estava a melhorar

E comecei a sonhar.

Nerea Roibal Torres



Banhistas [1947-1989] - óleo sobre tela, 87 x 126 cm (Nadir Afonso)

Banhistas

Estão na praia do Algarve
As banhistas apanhando o sol na areia
O sol está quente e elas tiram partido dele
Estão felizes por estarem na praia

Os raios de sol são diamantes na água
Rodeados pela espuma das ondas
O cabelo loiro é ouro ao sol
E a sua pele branca começa a escurecer
Os seus fatos de banho azuis
Camuflam com a água
E a cor verde é a esperança
De ser feliz de novo aqui e agora
O som do mar faz-se sentir
E elas relaxam ao ouvi-lo
O cheiro do sal atinge o seu olfato
E elas esquecem os seus problemas assim

Marta Ferreira Castrillo



Sirénes [1969-2001] - acrílico sobre tela, 98,5 x 108,5 cm, (Nadir Afonso)

O dia que eu fui ao mar

O dia que eu fui ao mar,
um doce canto pude escutar,
então eu fui procurar,
mas eu nada pude achar.

Onde será que estão a cantar?

Aquele canto que me conseguiu assombrar
eu precisava de encontrar,
assim que eu segui a pesquisar,
e desta vez eu pude olhar
a duas sereias a cantar,
atrás de uma pedra no meio do mar.

Ana Alicia Baños Baños



Praça da Batalha - óleo sobre tela, 65 x 50 cm (Nadir Afonso)

Praça da Batalha

A praça cheia de gente caminhando
mas nada se escuta.

A grande multidão do lugar enchendo
mas não me sinto encurralada.

A praça num dia ensolarado
mas a sombra acalma-me.

O nome chama a um passado escuro
mas hoje a paz prevalece.

Sobre a claridade do dia
destaca um escuro momento,
uma sangrenta memória
que já não lembro.

Lucía Marínez Fernandes



Estudo - guache sobre papel. 24 x 20,1 cm (Nadir Afonso)

Rotina

Eu escondi-me atrás da sua cabeça
e ouvi você pensar numa sombra que amanhece e se esconde muito rápido.
Eu vi suas mãos filtrarem a luz de uma manhã – Eu vi suas mãos como cortinas.
Todos aqueles pássaros caíram depois de gritar para o céu.
Mataram-nos! Disse.
Quando você chegou em casa suas pernas caíram como chuva na sua cama,
Você pensou que estava seguro quando a mãe perguntou quem você ama, você adormeceu e acordou como se fosse outro dia.

Você pensa muitas coisas e eu conheço todas, o seu rosto desenha histórias que eu li,
Sempre me afogo com o cheiro do seu cabelo porque me escondo atrás.
Mataram-nos! Pensou.
Você quebra em mil mulheres iguais e você está sempre
Da mesma maneira.
Eu matei aqueles pássaros para te deixar triste, para te ver chorar.

Carlos Manuel Estévez Pérez